

Pensar a comunicação em 1909: uma leitura do conceito em “Social Organization”, de Charles H. Cooley

Thinking about communication in 1909: a reading of Charles H. Cooley's concept in 'Social Organization'

RESUMO

Este texto é uma leitura do conceito de comunicação proposto por Charles H. Cooley em seu livro “Social Organization”, publicado originalmente em 1909. Ao que tudo indica, trata-se de uma das primeiras abordagens teóricas da Comunicação enquanto objeto específico de conhecimento. Embora escrito há mais de um século, em um contexto diferente do atual, suas proposições antecipam algumas ideias em circulação na área. São destacadas três de suas proposições: (1) a diferenciação dos fenômenos comunicacionais em relação a outros processos individuais e sociais; (2) a comunicação como relação humana primeira, vínculo mediador na formação dos sujeitos em articulação com o social e (3) cada mídia, da palavra ao impresso, atua com outros elementos na configuração de um ambiente sócio-cognitivo específico. Esses pontos são discutidos no contexto do debate epistemológico da Comunicação.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. Charles H. Cooley. História da Comunicação.

ABSTRACT

This text is a reading of Charles H. Cooley's concept of communication, as presented in his book "Social Organization", first published in 1909. Although he wrote more than a century ago, in a very different context, it seems to be valid to get a renewed glance on his ideas concerning communication, as some of them became seminal to other developments in communication research through the forthcoming years, such as the Symbolic Interactionism and the microsociological approach to interpersonal communication. This paper outlines some aspects of Cooley's concept in three ways: (1) the place of his book in the context of what would become 'communication research'; (2) the core notion of 'communication' as the very ground of social organization and (3) the neighboring concepts of 'media' and 'sign'. These elements are discussed from a communication epistemology framework.

Keywords: Communication Theory. Charles H. Cooley. Communication history.

LUIS MAURO SA MARTINO

Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP.

INTRODUÇÃO

Em algum momento ao redor de 1971, um estudante – ou uma estudante – em uma universidade norte-americana tinha algum trabalho ou atividade relacionada ao Interacionismo Simbólico para fazer e, usando um volume da biblioteca, preparou um fichamento detalhado de trechos de “Social Organization”, de Charles Horton Cooley, e “Mind, Self and Society”, de George H. Mead, publicados no “Reader in Public Opinion and Communication”, de Berelson e Janowitz (1966). As anotações mostram cuidado: além da caligrafia legível, trazem a localização do livro (“Comm. Lib. HM261 B383”) e a data original dos textos (“1909”, “1934”). No entanto, por algum motivo, a pessoa esqueceu os fichamentos dentro do livro. Não há outras indicações no volume, exceto uma inscrição com esferográfica na primeira página, “Syllabus, jan. 1971”, sugerindo que a obra estava listada em um programa de ensino.

Pelos caminhos do mercado de livros usados, o volume foi adquirido e, encontrados os fichamentos, formulou-se uma questão: se Mead é até hoje mencionado nos estudos de Comunicação, o que levaria alguém a destacar, em 1971, o trecho de Cooley, autor que escreveu no início do século 20 e cuja última edição das obras tinha aparecido, nos Estados Unidos, mais de dez anos antes? E que, ademais, quase não figura da produção sobre Teoria da Comunicação, ao menos em língua portuguesa? O aleatório raramente é levado em consideração como critério de pesquisa mas, neste caso, esteve na origem do texto, remetendo a um olhar sobre esse momento na pesquisa em Comunicação.

O conhecimento da história de uma área, recorda Gaston Bachelard (1976), é uma das maneiras de compreender suas rupturas e continuidades epistemológicas ao longo do tempo. Os estudos de Comunicação indicam, há tempos, uma preocupação em organizar sua história na sucessão de modelos ou escolas teóricas, como McQuail e Windhal (1993), Willett (1995), Mattelart e Mattelar (1999) ou Melo (2008), tentativa permeada por conflitos, como mostra Varão (2007; 2008). Como lembram Jenkins (2009) ou White (2018), a narrativa histórica está ligadas às perspectivas da época de sua elaboração. Escrever sobre esse aspecto da Teoria da Comunicação não significa falar de seu “passado” como algo fixo, mas propor uma leitura desse passado no movimento de sua construção no presente. É dentro dessa perspectiva que a obra do sociólogo norte-americano Charles Horton Cooley pode ser pensada, aqui, na pesquisa em Comunicação.

Ao que tudo indica, Cooley é um autor menos estudado na atualidade. Mesmo em inglês, em livrarias online, seus livros estão fora de catálogo, e o número de estudos a seu respeito parece ser igualmente reduzido. Em português, um capítulo de “Human Nature and the Social Order” foi traduzido em 2017 na Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Há também um trecho de “Social Organization” na seleção “Homem e Sociedade”, de Ianni e Cardoso (1983) que

aparece também em duas importantes coletâneas norte-americanas, organizadas por Berelson e Janowitz (1966) e Schramm e Roberts (1972). A produção sobre ele também parece ser restrita, como indica Baptista (2015) em sua tese de doutorado, com quem este texto dialoga a partir de um foco diferente.

Cooley parece ser conhecido sobretudo por seus conceitos de “eu espelhado” (“looking-glass self”) e “grupos primários”, tal como se pode observar, por exemplo, em Rodrigues (2013), Aguiar (2014) ou mesmo Honneth (2013), que analisam, em diferentes modos, a relação entre indivíduo, grupo e sociedade.

Este texto é uma leitura crítico-analítica do conceito de comunicação de Charles H. Cooley tal como apresentado em seu livro “Organização Social”, publicado pela primeira vez em 1909. Optou-se, em termos metodológicos, por uma leitura analítica de seu conceito, secundada por estudos contemporâneos de epistemologia da comunicação. Embora tenha escrito há mais de um século, em um contexto muito diferente, parece ser válido revisitar suas idéias na medida que algumas se tornaram base para desenvolvimentos posteriores e dialogam com problemas atuais. Foram usadas duas fontes. A primeira é uma versão digital facsimilar de “Social Organization” (1909). Esse texto é cotejado com a segunda edição, impressa pela editora Free Press com uma introdução de seu aluno e sobrinho Robert Cooley Angell (1956). Nas citações foi usada a paginação facsimilar, com tradução do autor.

No que se segue, o texto é dividido em três partes: (1) situa-se o livro de Cooley em um panorama breve dos estudos de Comunicação para, em seguida (2) focalizar seu conceito de comunicação enquanto relação e (3) enquanto aspecto técnico, voltado para o aparato da mídia. Não é o objetivo fazer um comentário ou interpretação da obra de Cooley, composta de dezenas de artigos e livros – detalhamentos biográficos estão em Angell (1956) e Baptista (2015). Trata-se da leitura de um conceito, delineando como Cooley o desenvolve e de que modo suas proposições podem ser informar concepções contemporâneas.

A DEFINIÇÃO DA COMUNICAÇÃO COMO FENÔMENO E OBJETO DE ESTUDOS

Os estudos de Teoria da Comunicação parecem ter uma tendência de situar suas origens em torno de 1920, momento das primeiras publicações de Lasswell ou Lipmann e outros estudos, às vezes reunidos sob o título de “escolas norte-americanas” ou “funcionalismo”. Apesar de válida, essa delimitação temporal deixa de lado os estudos anteriores ou paralelos à esses trabalhos.

Isso pode ser notado, por exemplo, nas poucas referências ao interacionismo simbólico ou à publicística na teoria da comunicação – embora retomados por França (2008) e Marcondes Filho (2016), em um caso, ou Rüdiger (2015), em outro. A obra de Cooley parece estar nessa região menos visível dos estudos da Área.

Na área de Comunicação, a definição das genealogias vem sendo feitas por várias autoras e autores, em tentativas de estabelecer não apenas a historicidade do pensamento teórico-epistemológico, mas também procurando compreender um espaço caracterizado por uma “diversidade” que beira a “dispersão”, para usar duas expressões de Braga (2010). Não por acaso, aos delineamentos dos saberes da comunicação são desafiados por outros caminhos genealógicos, que procuram contar “outra história” do pensamento comunicacional, como fazem, por exemplo, Varão (2007; 2008) e Martino (2009; 2011; 2019).

Sem discutir as razões de sua ausência no “cânone” das teorias, ou seu lugar em um campo multifacetado, Cooley parece ser um dos primeiros pesquisadores a dedicar espaço para o fenômeno da comunicação procurando entendê-lo por si, ainda que no âmbito de uma sociologia da interação. Catt (2014), indica uma instabilidade de origem nas pesquisas norte-americanas entre uma perspectiva mais “sociológica” e outra “comunicológica”: se Cooley tem uma origem na sociologia, sua perspectiva comunicacional parece se distanciar disso, situando-se em uma maneira “comunicológica” de entender o social, problema de indefinição de origens trabalhado, em outra perspectiva, por Eadie (2011). Sua concepção de “comunicação” está relacionada ao conjunto de suas preocupações como sociólogo interessado em processos sociais.

Ao colocar esses processos como pano de fundo a partir do qual as interações sociais são elaboradas, a comunicação ganha uma proeminência inédita até então na obra de outros sociólogos de sua época. Cooley, nascido em 1864, é da mesma geração de Weber, Mead, Durkheim e Simmel. Sua obra situa-se no momento de elaboração da sociologia, à qual ele se filia desde o início. A perspectiva de Cooley difere de seus colegas pelo enfoque dado aos fenômenos comunicacionais a partir de uma noção da interação como fundamento dinâmico das relações sociais e, mais ainda, da própria organização da sociedade a partir do que denomina “grupos primários”. É como precursor do chamado “interacionismo simbólico” que Cooley costuma ser mencionado nas ciências sociais.

Na versão ampliada e modificada de sua obra “Social Organization” publicada em 1930 por Angell e Carr (1933), com o título de “Introdução à Sociologia” (“Introduction to Sociology”), seus colegas propõe essa pergunta desde a primeira frase do livro: “para que servem as outras pessoas?” Essa questão coloca em cena um dos pressupostos que orientam a perspectiva sociológica de Cooley e vão encontrar sua síntese em seu conceito de comunicação: o social não é dado, é construído nas interações interpessoais. Apesar dos outros “estarem aí” e dos

processos de socialização começarem, a rigor, desde o momento do nascimento, a ideia de uma sociedade preexistente, no sentido durkheimiano, não parece ter ressonâncias exatas no pensamento de Cooley que, sem diminuir a importância do social, apresenta-o como produção em curso, mais do que fato dado.

A pergunta pela possibilidade do social se desloca para o questionamento a respeito de sua constituição: como é possível a formação da sociedade? De que maneira indivíduos podem se reunir e organizar relações sociais?

Uma das respostas de Cooley é colocar, em pé de igualdade, o social e o individual como partes complementares de uma continuidade que se configura de maneira diferente a cada interação. O indivíduo constitui e constitui-se no social no momento em que interage com o outro, na troca de vivências, experiências, ideias e, sobretudo, no intercâmbio das impressões e percepções que se tem uns dos outros no espaço das relações sociais. Essa postura reflexiva é dinâmica o bastante para comportar a ideia de que o social está em constante movimento, reconstituindo-se nas menores interações a partir das quais cada pessoa constrói sua percepção de si e do mundo. O resultado prático é a elaboração do social nas interações comunicacionais.

O lugar da Comunicação não está vinculado a uma "centralidade", no sentido de ser algum tipo de pólo ou eixo ao redor dos quais outros elementos poderiam ser organizados, mas está espalhada, de maneira desigual e diferente, nos estratos do tecido social. Esse quadro interacional está dentro de um princípio de reflexividade, com o ato comunicacional apresentando-se como espelhamento infinito entre os participantes de uma determinada situação.

Há, portanto, um direcionamento tanto na esfera racional quanto na afetiva. No primeiro caso, trata-se do conhecimento a respeito do social no processo de socialização, enquanto o segundo remete às dimensões sensíveis da identidade dos sujeitos reciprocamente construídos – o eu se forma reflexivamente a partir da visão do outro a respeito da imagem que uma pessoa tem de si e do mundo.

A mente humana, para Cooley, forma-se na relação com as outras: a interação é a principal, se não a única, fonte de conhecimento e formação da mente. Desde pequenos, explica, aprendemos o mundo mediados pelo encontro com os outros, a partir dos quais tornamos inteligível a realidade e, mais ainda, definimos quem somos.

Nesse ponto Cooley propõe seu conceito de "si espelhado" ou "eu de espelho" ("looking-glass self"): na interação, aprendemos a ver a nós mesmos através dos olhos dos outros, isto é, do conceito que fazem de nós, e a partir disso derivamos nossas próprias concepções a nosso respeito. Como sintetiza Baptista (2016, p. 121), "o 'eu' é social porque quando nos olhamo-nos, quando nos percebemos, não percebemos apenas sob nosso ponto de vista, mas também sob o ponto de vista do 'outro'". A elaboração de si mesmo a partir da reflexividade está ligada a uma

perspectiva do entendimento a respeito da maneira como outras pessoas compreendem um determinado indivíduo.

A auto-imagem uma pessoa se forma a partir da maneira como ela acha que as outras pessoas a veem. Atribuindo valor a esse tipo de consideração, define igualmente seu próprio conceito, mais alto ou mais baixo, sobre si. Uma concepção errada, para mais ou para menos, do que os outros pensam dela tende a se tornar uma fonte de distorção da imagem da pessoa para si. A capacidade de reconhecer, no outro, o ato cognitivo de formação de sua imagem é um ponto-chave em todo esse processo.

Na medida em que esse tipo de interação social é dinâmica e contínua, porquanto o “eu” é sempre o “outro” de alguém, os processos sociais fundamentais, para Cooley, se organizam a partir desse compartilhamento e troca dessas impressões recíprocas. Não por acaso, apresenta a ideia de “realidade” mais como o resultado da interação entre mentes do que como um fato objetivo: a reprodução e transformação das práticas sociais aprendidas ao longo da trajetória de um indivíduo é um dos fatores dos quais resulta o social em si – um conjunto reflexivo de trocas simbólicas.

Essa visão poderia colocar Cooley ao lado de outros sociólogos de sua geração, sem maior interesse para a Área de Comunicação, não fosse o fato dele introduzir, nesse cenário teórico, um elemento importante: o fundamento de todo processo de socialização, bem como de organização das sociabilidades, está ancorado em relações de comunicação.

■ A COMUNICAÇÃO NO FUNDAMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

É sintomático que em sua segunda principal obra Cooley dedique toda uma seção ao conceito de comunicação. Ela vem logo após a introdução e o primeiro segmento do trabalho, nos quais o autor expõe seus pressupostos a respeito da formação da mente, em uma perspectiva eminentemente relacional. A comunicação aparece na obra como o elemento fundamental de qualquer tipo de interação humana a partir das quais se constitui não apenas o indivíduo, mas também o tecido das relações sociais.

O “si espelhado” é origem da construção da identidade: na interação simbólica com os outros o indivíduo se define e redefine continuamente. A presença e importância da terceira pessoa, presente na ideia do “si” (“self”) em oposição ao “eu” (“I”) como forma de reflexividade é demonstrada na dinâmica dessa interação que, anterior a todas as outras, se define em si mesma como uma maneira de criação de laços e vínculos com os outros, a comunicação:

Comunicação significa aqui o mecanismo através do qual as relações humanas existem e se desenvolvem – todos os símbolos da mente, juntamente com os meios de conduzi-las através do espaço e preservá-las no tempo. Isso inclui a expressão do rosto, atitude e gesto, os tons da voz, palavras, escrita, impressão, ferrovias, telégrafos, telefones e qualquer outra coisa que possa ser o mais recente avanço na conquista do espaço e do tempo (COOLEY, 1909, pp. 61)

O conceito de comunicação apresentado no livro é vasto, e inclui desde a interação entre pessoas mediada por signos até estradas de ferro, da troca simbólica efetuada na linguagem verbal e nos gestos até a construção de si a partir da relação com os outros. Essa definição, embora ampla, tem limites: Cooley escapa da armadilha de definir qualquer coisa como “comunicação” ou como “processo comunicacional”, e aponta uma restrição epistemológica: a comunicação se apresenta como um processo interacional, mediado por símbolos, entre seres humanos.

Esse processo é, em sua visão, o fundamento de todos os outros, mas não se confunde com eles: vista como relação, a comunicação é um ponto de troca e convergência que torna a interação social possível, sem, no entanto, se misturar com as atitudes, ações, sentimentos e comportamentos derivados desses momentos de interação. A partir da comunicação, indivíduos organizam reciprocamente não apenas suas ações, mas também a imagem mental que fazem de si, dos outros e da realidade.

O autor prossegue:

(...) a comunicação, incluindo sua organização na literatura, arte e instituições, é de fato a estrutura externa ou visível do pensamento, tanto causa quanto efeito da vida interior ou consciente dos seres humanos. Tudo é um só desenvolvimento: os símbolos, as tradições e as instituições são projetadas a partir da mente, com certeza, mas no instante de sua projeção e, a partir disso, elas reagem a ela e, de certo modo, controlam-na, estimulando, desenvolvendo, e arrumando certos pensamentos às custas de outros, dos quais nenhuma sugestão de despertar vem (COOLEY, 1909, pp. 64).

Ao colocar a comunicação como eixo das interações sociais, Cooley não parece expandir indefinidamente os limites do fenômeno comunicacional ou, no sentido oposto, reduzir todas as relações humanas a “comunicação”. Tanto uma postura quanto a outra teriam como consequência epistemológica a impossibilidade de estudo da Comunicação, seja por sua incomensurabilidade, seja pela dissolução em meio ao conjunto de outros processos sociais.

Cooley situa a comunicação no âmbito das relações humanas, mas convoca imediatamente a presença de um diferencial – as trocas simbólicas responsáveis por permitir o entendimento e as ações recíprocas dos indivíduos. A organização da vida social é, por assim dizer, um processo eminentemente comunicacional, mas que não se esgota no conjunto de trocas simbólicas entre os indivíduos, expandindo-se para as outras atividades e práticas sociais. Dito de outra maneira, por seu caráter de base e fundamento, e por sua presença em todas as relações, a comunicação é vista como um meio, não como um fim, na constituição das tramas do social.

O ato comunicacional não existe *per se*, desprovido de algum tipo de fundamento, enquadramento, perspectiva e consequência necessariamente dirigido a outrem, sem os quais não há o comunicar: o verbo não se constitui necessariamente como transitivo, como sugerem Ciro Marcondes Filho (2012) ou Ferrara (2013), mas as reverberações do ato de comunicar no sentido da ação em relação aos outros.

A comunicação não é “usada” para comunicar algo específico, não é apresentada como “instrumento” ou “ferramenta” para se “passar uma mensagem”, mas o processo interacional por excelência. Nas relações sociais, a comunicação é em si um ato, uma ação – próxima da perspectiva de Ferrara (2013) ao designar a diferença entre a abertura do “comunicar”, verbo, em contraponto com a circunscrição da “comunicação”, substantivo – em relação a outra pessoa e a si mesmo.

É possível, localizar os processos comunicacionais no conjunto das práticas sociais e, a partir daí, endereçar questionamentos às suas características, dimensões e especificidades de sua localização em situações e contextos diferentes, tomando como chave de análise os elementos presentes em uma interação e focando no que produz significado na relação – sempre altamente reflexiva – entre os indivíduos.

Isso permite localizar a comunicação enquanto objeto de conhecimento, em perspectiva epistemológica, com seu objeto empírico a ser observado – e tornar-se observável – dentro da particularidade, ou mesmo da singularidade, das interações comunicacionais subjacentes às outras práticas sociais. Isso torna possível, inclusive, a operacionalização de uma epistemologia da comunicação frente às outras áreas do saber, com as quais dialoga sem no entanto se misturar: se o fundamento das práticas sociais são as interações comunicacionais, um ponto central reside nas trocas, realizadas entre os indivíduos e grupos, em situações comunicacionais relativas às processualidades específicas de cada prática.

Daí a pouca atenção que Cooley parece dar à operacionalização específica da comunicação nesta ou naquela circunstância específica, mas ressalta o aspecto comunicacional presente em todas elas, isto é, as condições nas quais há uma produção de sentidos e, sobretudo, uma interação entre os participantes de maneira que suas ações, atitudes e concepções a respeito de uma determinada situação possam ser reciprocamente entendidas e direcionadas.

Daí o domínio da comunicação se estabelecer como o estudo das trocas simbólicas presentes em todas as interações: gestos, palavras, textos, imagens e qualquer outro tipo de produção simbólica interessam na medida em que são maneiras da consciência humana expandir-se para além de si mesma e estabelecer relações, bem como um espaço comum, com a alteridade, com quem se compartilha algo.

Seguindo a divisão proposta por Lima (1983) a partir de Williams (2003), a perspectiva de comunicação de Cooley situa-se como o ato de compartilhar, de encontrar pontos que permitam

o estabelecimento de um espaço comum entre os indivíduos a partir dos quais lhes será possível definir, de maneira reflexiva, quem são, o que podem fazer e como precisam agir reciprocamente diante daquele momento ou pensar em atos futuros.

A MÍDIA COMO AMBIENTE: A PRÁTICA DA COMUNICAÇÃO

E quando chegamos à era moderna, em especial, não podemos entender nada corretamente a menos que percebamos a maneira pela qual a revolução na comunicação criou um novo mundo para nós (COOLEY, 1909, pp. 65).

Cooley não parece fazer uma distinção entre o que seria hoje chamado de “mídia” e “comunicação”. Embora utilize uma única palavra para se referir ao conjunto “mídia” e “comunicação”, o sentido atribuído à segunda é amplo o suficiente para compreender ambas. As duas concepções, embora ligadas, não se confundem: a comunicação é uma dimensão central do processo de trocas e interações humanas que, no entanto, demanda imediatamente algum tipo de meio (das palavras aos trens, passando pelos gestos e pela imprensa) para chegar ao outro – meio que, por sua vez, interfere na maneira como a comunicação acontece.

A divisão proposta aqui, portanto, não indica uma dicotomia na obra de Cooley, mas uma forma de análise, em separado, desses dois sentidos – usando o termo “mídia” para referir este segundo aspecto, em um anacronismo pensado em termos de facilitar a inteligibilidade do argumento.

A mídia, para Cooley, não se resume a uma aspecto instrumental, embora essa dimensão também esteja contemplada em seu texto. Sua concepção de “mídia” se desenvolve contra um pano de fundo das transformações culturais, sociais e históricas que deram origem a novos tipos de mídia – e o aspecto complementar dessa relação, com a mídia atuando sobre o desenvolvimento político e cultural dos povos.

Cooley não chega a formular uma teoria da história pautada na mídia, mas a destaca no desenvolvimento da cultura, tomada em sentido amplo:

(...) o sistema de comunicação é uma ferramenta, uma invenção progressiva, cujas melhorias reagem sobre humanidade e alteram a vida de cada indivíduo e instituição. Um estudo dessas melhorias é uma das melhores maneiras de entender as mudanças mentais e sociais que estão ligadas a elas; ela [a comunicação] fornece uma estrutura tangível para nossas idéias (COOLEY, 1909, pp. 64)

Lida em conjunto com suas demais concepções, essa perspectiva coloca a mídia como parte da construção humana de seu próprio habitat, na medida em que está ligada à realidade construída

pelos indivíduos em suas relações. A mídia atua na formação de outros aspectos da interação e, por isso mesmo, como uma das instâncias de constituição das formas de sociabilidade.

Cooley propõe uma interpretação da relação do ser humano com esse ambiente levando em consideração quatro tipos de mídia relacionadas com transformações no modo de ser, pensar e agir: o domínio da palavra, a criação da escrita, o desenvolvimento da imprensa e os modos não-verbais, ou artísticos. Vale seguir sua argumentação.

Palavras, para Cooley, são os blocos de construção do pensamento humano e, ao mesmo tempo, sua forma privilegiada de expressão. Ele propõe que o desenvolvimento de aprendizado das palavras, na criança, acompanha a perspectiva de conhecimento da espécie, na aquisição gradativa dos símbolos verbais de expressão. A centralidade da palavra no desenvolvimento do pensamento tem lugar não apenas no indivíduo, mas também na cultura.

Sua concepção não reserva às palavras apenas um lugar como “expressão” do pensamento: mais do que isso, são responsáveis por sua formação. A linguagem é uma forma de constituição, não apenas expressão, do pensamento. A relação com o mundo é definida pelas palavras disponíveis para seu entendimento, na medida em que a linguagem confere existência significativa à realidade ao redor: o que está além disso simplesmente não existe enquanto fenômeno apreensível pela mente humana.

A criança não aprende uma palavra para dizer algo que já queria mas, ao contrário, o aprendizado da palavra permite delimitar uma parcela da realidade e atribuir sentido a ela. A partir da linguagem verbal, são instauradas as condições básicas de sociabilidade, que, permitindo uma interação detalhadamente e formas complexas de sociabilidade.

As palavras, por si só, garantem uma organização imediata, mas não permitem um desenvolvimento para além de um tempo presente desprovido de outra referência cronológica: se as palavras fundam a sociedade, a escrita cria o tempo histórico. Para Cooley, a escrita, meio para registrar as palavras e pensamentos, é uma maneira de perpetuar, no tempo, os modos de pensar e agir do ser humano, suas impressões do mundo onde vive, leis, tradições e costumes – sua história.

A invenção da escrita, para Cooley, modifica radicalmente a relação dos seres humanos entre si e, de maneira ampla, com o tempo. O registro escrito não se encerra em sua capacidade de “estocar” informação: o arquivo, como sugere Derrida (2003), é algo sempre vivo, próximo, um “fantasma”, jogando com a etimologia do termo “phantasia”, no âmbito das civilizações. O escrito confere às sociedades uma permanência inexistente de outra maneira, desafiando a dinâmica do tempo com a perenidade dos acontecimentos. A permanência e preservação das ideias, com a escrita, são fundamentais, em Cooley, para a auto-compreensão das sociedades.

Ao criar a História, seres humanos colocaram sobre si mesmos o peso da referência ao passado como uma das variáveis para entender o tempo presente. A partir daí pode-se falar em

“civilização”. Não haveria, para ele, uma “civilização romana” sem registro da escrita formando um corpo comum de leis, práticas e procedimentos, mas também expressões literárias, artísticas e, de modo amplo, de todo um imaginário do que constituía e constitui “ser romano”. Assim como a palavra não expressa o pensamento, mas é um dos elementos que o cria, a escrita não é apenas o registro da palavra, mas uma maneira diferente de situar a mente humana no tempo.

A revolução, no entanto, é impressa. Cooley examina as transformações sociais e políticas às quais a invenção da imprensa esteve ligada. Curiosamente, não coloca em momento algum a prensa como “causa” das mudanças, mas como variável necessárias para sua realização:

Imprensa significa democracia, porque coloca o conhecimento ao alcance das pessoas comuns; e o conhecimento, a longo prazo, certamente fará valer sua reivindicação de poder. Traz ao indivíduo qualquer parte da herança de idéias que ele esteja apto a receber. O mundo do pensamento e, em tempo, o mundo da ação, gradualmente está sob o domínio de uma verdadeira aristocracia de inteligência e caráter, no lugar de um mundo artificial criado por oportunidade exclusiva. Em toda parte, a disseminação da impressão foi seguida de um despertar geral, devido às sugestões perturbadoras que espalhou no exterior (COOLEY, 1909, pp. 75).

Como no caso da palavra e da escrita, Cooley não parece ver na imprensa um “canal”, mas como um dos agentes da transformação de ideias e práticas a partir da divulgação, em larga escala, de outros modos de pensar. Seu exemplo é a Reforma Protestante, na divulgação do pensamento de Martinho Lutero e as disputas que se seguiram. A imprensa, para Cooley, é espaço plural de debate. Não porque os meios sejam intrinsecamente democráticos ou em países tolerantes: a Reforma Protestante acontece em um mundo marcado pela concepção de um poder divino dos reis e da prevalência da nobreza, mas porque nenhuma censura impede completamente o trânsito da página impressa e das ideias que a acompanham. Como indica Simonson (1996), essa postura leva Cooley a deixar de lado aspectos mais triviais dos processos democráticos e comunicacionais.

A título de nota final, Cooley menciona aos processos não-verbais de comunicação, associando-os sobretudo com as formas de expressão artística, embora inclua aí também os gestos. Nesse momento, o autor parece se filiar novamente a uma postura eminentemente construtivista das expressões, situando as formas do semblante no como parte dos aprendizados sociais – embora reconheça uma raiz biológica. No mesmo segmento desse tipo de expressão, Cooley nomeia os processos artísticos enquanto derivados desses procedimentos não-verbais, que comunicam de uma maneira diferente do conjunto das interações verbais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do texto de Charles Cooley sobre comunicação, mais de um século depois de ser escrito, não deixa de chamar atenção também por seus maneirismos e marcas de seu tempo, de elementos formais (o uso de “man” para se referir a seres humanos, citações indicadas com asteriscos) até as questões conceituais. Nota-se também lacunas: nenhuma palavra sobre as questões econômicas ou às divisões sociais existentes em seu tempo, relacionadas à mídia e ao processo democrático.

Observa-se, do mesmo modo, o recurso a argumentos sociológicos ainda hesitantes a respeito de sua própria validade: situado no início da Sociologia, Cooley ainda luta pela visibilidade e reconhecimento de seu campo.

Cooley, ao longo do texto, manifesta várias vezes seu entusiasmo pelas possibilidades da mídia no sentido de ampliar a trama das interações comunicacionais, mas não deixa de lado as potencialidades negativas: se não é um autor “crítico”, no sentido que a palavra toma posteriormente na Teoria da Comunicação, indica problemas no desenvolvimento técnico-comunicacional:

A ação da nova comunicação é essencialmente estimulante e, em algumas de suas fases, pode ser prejudicial. Custa ao indivíduo mais, no que diz respeito à função mental, participar normalmente da nova ordem das coisas do que na antiga. (...) é indiscutível que o estímulo constante e variado de um tempo confuso torne difícil manter a atenção (COOLEY, 1909, pp. 85/100).

Individualismo, fechamento em grupos de pensamento monológico e superficialidade da produção cultural são os principais problemas apontados por ele em relação às formas de Comunicação de sua época – que, em alguma medida, estão na raiz de algumas das problemáticas contemporâneas.

Seria possível encontrar em suas proposições, anacronicamente, as origens de várias perspectivas atuais no estudo da comunicação, desde o Interacionismo Simbólico, em suas várias ramificações e decorrências, até as pesquisas sobre Ecologia da Mídia, no sentido de Adriana Braga (2019), em particular antecipando algumas das proposições de Innis e McLuhan. No entanto, como mencionado acima, a perspectiva aqui não é apresentá-lo como “precursor” ou “fundador”, mas como alguém interessado em problemas da comunicação que, situado em um espaço e tempo histórico definidos, lidava com questões e desafios epistemológicos que, em sua duração, permanecem contemporâneos na medida em que são dirigidos a temas centrais da área – o conceito de comunicação, as relações com a mídia e seu lugar nas práticas sociais.

Nesse aspecto, revisitar o texto de Cooley vai além do interesse histórico no desenvolvimento das teorias da comunicação, e mostra como algumas de suas proposições e problemáticas, embora situadas no contexto de sua época, parecem não ter sido resolvidas até hoje – sua chave

de análise, se não indica resoluções, ao menos pode ajudar a formular os problemas.

Vale terminar, por isso, com esse aspecto.

Na edição de 1956, ao final do livro, há uma seção de nove páginas intitulada “Questões de Estudo” (“study questions”), aparentemente escrita por Cooley (embora não conste da edição de 1909 e possa ser uma adição de Robert C. Angell: há referências a “o autor” e “professor”, mas não é possível saber se se trata dele ou de Cooley referindo-se a si mesmo em terceira pessoa).

De qualquer modo, trata-se de perguntas de estudo, com duas observações pedagógicas que permitem vislumbrar o aspecto prático de seu ensino (COOLEY (?), 1956, p. 421): os alunos devem preparar “artigos originais, baseados na observação, e tratar alguma questão prática do ponto de vista sociológico em conexão com o estudo”. E conclui com uma observação metodológica: “O estudante não deve nunca ficar satisfeito até poder oferecer, com cada resposta, ilustrações a partir de sua própria experiência: não há outra maneira de entender esse assunto”.

REFERÊNCIAS

ANGELL, Robert Cooley. Introduction. In: COOLEY, Charles H. *Social Organization / Human nature and the social order*. Glencoe: Illinois: The Free Press, 1956.

ARAÚJO, Carlos A. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (orgs.). *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BACHELARD, Gaston. *Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BAPTISTA, Iuri Y. F. *A comunicação em Charles Horton Cooley: circunstâncias, ideias e discussão*. Porto Alegre: PUC-RS, 2015 (Dissertação de Mestrado).

BAPTISTA, Iuri Y. F. A imaginação na sociologia de Charles Cooley. *Revista Ciências Humanas*, v. 9, n 2, edição 17, p. 116 - 125, Dezembro 2016.

BERELSON, B.; JANOWITZ, M. (orgs.). *Reader in Public Opinion and Communication*. Glencoe: Illinois: The Free Press, 1966.

BRAGA, José. L. Dispositivos Interacionais. *Matrizes*, Vol. 1, no. 1, 2011.

BRAGA, José. L. Nem rara, nem ausente – tentativa. 20o. ENCONTRO DA COMPÓS. *Anais...* Rio de Janeiro: UFBA, junho 2010.

- BRATSLAVSKY, Lauren. The archive and disciplinary formation: a historical moment in defining mass communication. *American Journalism*, 32:2, 2015, pp. 116-137.
- CATT, Isaac. The two sciences of communication in philosophical context. *The review of communication*, vol. 14, nos. 3-4-, jul-out. 2014, pp. 201-228.
- COOLEY, Charles H. *Human nature and the social order*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1902. Digitalizado pelo Internet Archive em 2007. Disponível em <<https://archive.org/details/HumanNatureAndTheSocialOrder/page/n3/mode/2up>>Consulta em 05.10.2019.
- COOLEY, Charles H. *Social Organization / Human nature and the social order*. Glencoe: Illinois: The Free Press, 1956.
- COOLEY, Charles H. *Social organization: a study of the larger mind*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1909. Digitalizado pelo Internet Archive em 2010. Disponível em <<http://www.archive.org/details/socialorganizatOOcool>> Consulta em 05.10.2019.
- COOLEY, Charles H.; ANGELL, Robert C.; CARR, Lowell J. *Introductory Sociology*. Londres: Charles Scribner's Sons, 1933.
- COOLEY, Charles Horton. O self social: o significado do Eu. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 47, p. 173-192, Agosto de 2017.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- EADIE, William F. Stories we tell: fragmentation and convergence in Communication disciplinary history. *The Review of Communication*, vol. 11, no. 3, julho 2011, pp. 161-176.
- FRANÇA, Vera R. V. Interações comunicacionais: a contribuição de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex *et alli* (Orgs). *Comunicação e Interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- FERRARA, L. D'A. A epistemologia de uma comunicação indecisa. 22o. COMPOS. *Anais...* Salvador: UBFA, junho 2013.
- FERRARA, L. D'A. *A comunicação que não vemos*. São Paulo: Paulus, 2018.
- HONNETH, Axel. O eu e o nós: o reconhecimento como força motriz de grupos. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 15, no 33, mai./ago. 2013, p. 56-80
- IANNI, Octávio; CARDOSO, F. H. *O homem e a sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LÖBLICH, Maria; SCHEU, Andreas M. Writing the History of Communication Studies: A Sociology of Science Approach. *Communication Theory*, no. 21, vol. 1, 2011, pp. 1-22.

- MARCONDES FILHO, C. A Comunicação no sentido estrito e o Metáforo. 21o. ENCONTRO DA COMPÓS. *Anais...* Juiz de Fora, junho 2012.
- MATTERLART, Armand; MATTELART, Michelle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- McQUAIL, Dennis; WINDHAL, Stephen. *Communication Models*. Londres: Routledge, 1993.
- MELO, José M. *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- MELO, José M. *História política das ciências da comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- MIÉGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- RODRIGUES, Lysia R. M. B. *A dialética de transformação do self e do autoconceito: dimensões auto-refletidas no cárcere feminino*. Recife: UFPE, 2013 (Tese de Doutorado).
- RÜDIGER, Francisco. *Introdução à teoria da Comunicação*. São Paulo: Edicom, 2003.
- RÜDIGER, Francisco. *O mito da agulha hipodérmica*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SCHRAMM, Wilbur L.; ROBERTS, Donald F. (orbs.) *The process and effects of mass communication*. 2a. edição. Urbana - Illinois: University of Illinois Press, 1972.
- SIMONSON, Peter. Dreams of democratic togetherness: communication hope from Cooley to Katz. *Critical studies in Mass Communication*, no. 13, vol. 1, 1996, pp. 324-342.
- SOLDAN, Tabata L.; RASIA, José M. A polêmica relação indivíduo e sociedade: as abordagens teóricas do interacionismo simbólico e das representações sociais. *Sociologias Plurais*, Vol. 3, no 1, fevereiro 2015.
- VARÃO, R. O passado não é o que costuma(va) ser: por uma outra história das teorias da Comunicação. 30o. INTERCOM. *Anais...* Santos: Universidade Católica de Santos, setembro de 2007.
- Varão, Rafiza. Notas sobre o mito dos quatro fundadores do campo comunicacional: coisas que ninguém nunca viu antes e pensamentos que ninguém teve. XXXI INTERCOM. *Anais...* Natal, RN, 2 a 6 de setembro de 2008.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*, vol. 1. Brasília: Ed. UNB, 2001.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 2018.
- WILLET, Gilles. *La communication modelisée*. Ottawa: Editions du Renouveau Pédagogique, 1995.